

Orientação sexual: Concepções de futuros Professores de Biologia

Sexual Orientation conceptions of future teachers of biology

Camila Munhoz

Universidade Presbiteriana Mackenzie
munhoz_ca@hotmail.com

Rosana dos Santos Jordão

Universidade Presbiteriana Mackenzie
rosana.jordão@mackenzie.br

Resumo

O presente trabalho tem como objetivo identificar e analisar as concepções dos futuros professores de Biologia sobre sexualidade, bem como sua visão acerca da abordagem desse tema em sua formação inicial. Foi aplicado um questionário com questões abertas aos licenciandos de Ciências Biológicas e as respostas foram organizadas em três blocos de análise. Os licenciandos estudados reconheceram a importância da orientação sexual como tema a ser trabalhado de modo transversal na escola, bem como a importância da abordagem mais específica desse tema em sua formação. Os dados também apontam que a universidade é capaz de despertar nos alunos uma busca pela ampliação dos conhecimentos sobre a temática. A presente pesquisa relata a importância da temática da sexualidade na formação inicial dos alunos da escola básica bem como na formação do futuro professor.

Palavras chave: Sexualidade, orientação sexual; formação docente

Abstract

The present work has the plan to identify and analyze the conception of the futures teachers of biology about sexuality, as your way of approaching the theme in your first graduation. It was made a test with open questions for the future teachers of Biology and the answers were organized in tree types for analysis, the Biology's students recognized the importance of sexual orientation as a theme to be worked in a cross-curricular manner on school, well as a importance of more specific approach of this theme during your own graduation. The data also show that the university is capable of lighting up, on the students, a need to amplify they knowledge about the sexual orientation. This work shows how important is to bring the matter of sexual orientation during the first graduation of the students on fundamental/ basic school, well as a teacher to be on formation.

Key words: Sexuality, sexual orientation, teacher training.

Introdução

A sexualidade é um tema na sociedade que envolve polêmicas, mitos e preconceitos, os quais têm subsidiado enfrentamentos nas mais diversas esferas sociais, dentre as quais a escola (LIMA; ALMEIDA, 2010).

Em maio de 2016, um aluno foi impedido de entrar na faculdade usando saia, fazendo com que estudantes e alguns professores da Universidade Federal de Lavras (UFLA) organizassem um manifesto em repúdio para a instituição. Este episódio ficou conhecido como “saião” (PORTAL G1, 2016).

Episódios semelhantes têm sido cada vez mais frequentes e nos mostram que conflitos referentes à sexualidade estão em nosso cotidiano. Porém, temas ligados a sexo e sexualidade são, muitas vezes, evitados, tratados como tabus, como obscenos, impuros e envoltos numa atmosfera de pecado. As instituições, como a escola, manipulam e controlam o sexo em toda sua dimensão, criando por sua vez, padrões, estereótipos e discriminação. Portanto, não é possível pensar em sexualidade sem discutir os papéis socioculturais, que inevitavelmente permeiam crenças, atitudes e valores (ROCHA; FRANÇA, 2013)

Diante disso, os educadores precisam obter conhecimentos não apenas sobre anatomia, fisiologia e métodos anticoncepcionais, os docentes precisam compreender a dimensão de natureza histórica e política da sexualidade humana (BONFIM, 2009).

Visto que a formação de professores é essencial para uma prática docente reflexiva e que se evita a abordagem de temas como sexo e sexualidade nas escolas este estudo teve como objetivo identificar e analisar as concepções de futuros professores de Biologia sobre sexualidade. Pretendeu-se, também, levantar se e como esse tema vem sendo abordado na Licenciatura cursada pelos participantes da pesquisa.

Referencial Teórico

A sexualidade dificilmente se encaixa em alguma definição absoluta, ela engloba diversas dimensões: biológica, psicológica, cultural e ética. Segundo Brasil (1997), na perspectiva de uma dimensão biológica, o sexo pode ser visto como um conjunto de características cromossômicas, genitais e extragenitais, que dicotomizam a humanidade em machos e fêmeas. Porém, esta visão biológica é muito restrita.

Complementando a dimensão biológica, temos as forças psicológicas da sexualidade, que são importantes porque permitem o desenvolvimento do ser humano como ser sexual, auxiliando-o em sua construção identitária (ABREU, 2010). Em outras palavras, a sexualidade pode ser vista como um conjunto de relações humanas capaz de suprir desejos e necessidades psicológicas do indivíduo.

A terceira dimensão é a cultural, que se encaixa na perspectiva da relação entre a sexualidade e as organizações sociais, de forma que as normas socialmente aceitas são culturalmente construídas dentro de contextos e épocas diferentes. Em outras palavras, a sexualidade sofre modificações quanto ao sentido, função e regulação, de acordo com os diferentes períodos históricos e contextos culturais (RESSEL, 2003).

A quarta e última dimensão da sexualidade é a ética. Segundo Abreu (2010), a dimensão ética está ligada às vivências individuais, à capacidade de fazer escolhas e à forma como cada um resolve os problemas no âmbito do comportamento sexual. Trata-se de uma dimensão que auxilia o estudo de valores e princípios para uma sexualidade saudável e responsável, no sentido de evitar a promoção de preconceitos construídos historicamente.

Sexualidade na escola

Na década de 1920, encontraram-se registros pontuais de escolas que desenvolviam trabalhos na área da Educação Sexual. Porém, a discussão sobre a inclusão da temática da sexualidade no currículo das escolas de ensino fundamental e médio só começou a ganhar corpo a partir da década de 70, provavelmente em função das mudanças comportamentais dos jovens dos anos 60, dos movimentos feministas e de grupos que pregavam o controle da natalidade (BRASIL, 1997).

Nesse sentido, em 1974 foi aprovada pelo Conselho Federal de Educação a implantação da orientação sexual nas escolas, com abordagem estritamente biológica. Porém, hoje sabemos que o entendimento biológico é importante, mas insuficiente para a compreensão total do indivíduo. Com isso, os aspectos emocionais, socioculturais, históricos, entre outros, passaram a ser considerados fundamentais para o trabalho de educação e sexualidade (MARTINS, 2007).

Na década de 90, o Ministério da Educação e Desporto incluiu a orientação sexual nos Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1997) como tema transversal, visando garantir os direitos sexuais e reprodutivos dos alunos.

Compreender a sexualidade como tema transversal significa, a princípio, que nas variadas disciplinas do currículo o tema deve ser abordado e, conseqüentemente, todos os docentes devem estar preparados para esta questão. Logo, a forma como esses docentes constroem conhecimentos sobre esse assunto em sua formação é de grande importância para um posterior debate e reflexões no cotidiano da escola.

Métodos

Este é um estudo de abordagem qualitativa. Os dados foram coletados por meio de um questionário (Apêndice 1) com nove questões abertas. Participaram da pesquisa 33 licenciandos(as), estudantes do curso de Ciências Biológicas de uma universidade particular da cidade de São Paulo, matriculados entre os períodos do 3º ao 6º semestres de 2017. A análise foi organizada em três blocos. No primeiro, foi dado enfoque à aprendizagem sobre sexualidade na formação básica dos licenciandos; o segundo abordou a responsabilidade do professor em trabalhar a sexualidade nas aulas de Ciências e Biologia. Neste bloco, o licenciando era convidado a relatar seus sentimentos e/ou manifestar receios sobre ministrar aulas relativas a essa temática. Por fim, no último bloco o enfoque foi a formação docente e a importância da licenciatura na preparação dos futuros professores para trabalharem com a sexualidade.

Resultados e Discussão

A inclusão da temática da sexualidade nos currículos escolares é de fundamental importância e urgência, já que é considerada como inerente à vida e à saúde (BRASIL, 1997). Todos os participantes deste estudo reconheceram sua relevância em sala de aula quando questionados sobre a sexualidade na escola.

Ainda sobre a abordagem da sexualidade no contexto escolar, de acordo com os PCNs (BRASIL, 1997), cabe ao professor discutir os diversos pontos de vista, valores e crenças existentes na sociedade para auxiliar o aluno a construir um ponto de auto referência por meio da reflexão. Porém, sabe-se que, quando falamos em orientação sexual na escola, em geral nos reportamos a aulas pontuais de Ciências e de Biologia, em que a dimensão biológica é a mais recorrente.

As falas dos sujeitos estudados evidenciam essa problemática. A grande maioria relatou que, em suas experiências na educação básica, quando o assunto era sexualidade, o conteúdo trazido por seus professores era a anatomia e a fisiologia dos órgãos reprodutores, prevenção de doenças sexualmente transmissíveis (DST) e gravidez na adolescência. Observa-se, portanto, que os licenciandos só tiveram em sua formação básica uma abordagem estritamente biológica da sexualidade.

Quando questionados sobre quais objetivos adotariam como professores para o trabalho com o tema da sexualidade, as respostas foram diversificadas. A maioria (n=22; 73%) trouxe aspectos voltados ao diálogo, reflexões e discussões, mesmo sem terem vivenciado o viés reflexivo durante sua vida escolar, como exemplifica a fala a seguir:

Acho importante, porque é um tema muito relacionado com nossa vida, todas as questões entre gêneros, a forma com que nos relacionamos com os outros. Eu, particularmente, não tive nada sobre sexualidade ou educação sexual, só na 4ª série que ensinaram para escola toda como colocar camisinha e quais eram as doenças (P 9).

É possível, portanto, que a licenciatura tenha tido alguma influência nessa predisposição à proposição de atividades reflexivas em sala de aula.

O segundo bloco da análise buscava entender como os futuros professores se sentiam frente à possibilidade de abordar a sexualidade e quem, em sua opinião, deveria ser o profissional mais adequado a realizar esse trabalho na escola. As respostas foram equilibradas: 43% (n = 14) não se sentiam preparados para abordar a temática devido à falta de conhecimento teórico ou pelo fato de não terem discutido o tema em nenhum momento, ou muito pouco, na licenciatura. Os outros 57% (n = 19) sentiam-se confortáveis e preparados com relação ao tema e, mais do que isso, reconheciam que, mesmo com a falta de conhecimento específico, deveriam abordar o tema de uma forma diferente da tradicional.

Segundo Felipe (2008), grande parte das escolas e dos sistemas de ensino não possui projetos continuados sobre o tema da orientação sexual, pois o corpo docente não se sente devidamente preparado para lidar com situações ou debates que envolvam a sexualidade e as relações de gênero. Pode-se observar nas respostas dos alunos uma certa insegurança, o que fica muito claro em falas específicas:

Me sinto insegura, já que é um tema que não domino e não faço ideia de como trabalharia na escola (P 13).

Notamos uma relação entre o tipo de sentimento apresentado pelos sujeitos e os temas de sexualidade que eles imaginavam abordar. Em linhas gerais os alunos que se sentiam confortáveis foram os que alegaram que abordariam questões menos reflexivas, voltadas aos aspectos fisiológicos. Enquanto aqueles que se sentiam temerosos eram os que pensavam na necessidade de trabalhar temas mais polêmicos e complexos com os adolescentes.

Ainda no segundo bloco, os licenciandos foram questionados sobre como realizariam essa orientação na escola. A maioria dos alunos defendeu um viés mais reflexivo para a abordagem. Os temas que propunham para as discussões na escola básica foram variados, como por exemplo:

Acredito que problematizar os estereótipos de gênero que existem na sociedade, isto é, o que no senso comum dos educandos explicaria o que é ser homem e o que é ser mulher. A partir disso, marcaria no quadro as concepções mais frequentes (como forte, líder e frágil, entre outros possíveis exemplos) porém, sem colocar qual deles eles atribuíram ao sexo masculino e ao feminino no levantamento prévio. Em seguida, problematizaria as

próprias palavras, para mostrar que elas não definem um gênero ou a forma que os indivíduos devem agir e se comportar (P 11).

Notamos que os alunos que pensam em atividades voltadas claramente a dimensão biológica, em sua maioria estavam no 3º semestre. O fato de os alunos do terceiro semestre terem sido os que, na maioria, pensavam em um viés mais restritivo e biológico para a orientação sexual, é um indicativo de que o curso de licenciatura tem conseguido, de alguma forma, abordar valores e incentivar postura reflexivas. Isso explicaria o fato de alunos em etapas mais avançadas terem apresentado uma predisposição maior às abordagens críticas da sexualidade.

Portando, este bloco nos mostrou que parte dos licenciandos reconheciam a possibilidade de trabalharem a temática da sexualidade e conseguiam propor atividades pedagógicas para isso.

O terceiro bloco da análise buscava discutir explicitamente a importância da licenciatura para a abordagem da sexualidade na escola, dado que a literatura tem apontado para o fato de que os educadores não vêm recebendo a formação adequada ao desenvolvimento de ações voltadas a uma nova Educação Sexual (BONFIM, 2009).

Quando os licenciandos foram questionados se em algum momento da licenciatura temas relacionados à sexualidade foram abordados, 72% disseram que este tema não apareceu. Poucos, 12%, relataram que o tema não foi abordado intencionalmente, mas pontualmente, por interesse dos alunos, como visto:

Diretamente não, mas algumas vezes dentro das atividades que são propostas os licenciandos levantam essa questão (P 19).

Isso nos mostra que durante o curso em algum momento estes alunos tiveram contato com discussões que falam sobre orientação sexual. Para análise desses momentos uma questão específica foi feita. Nela os alunos tinham que relatar como foi essa abordagem e o que acharam da forma como o tema foi trabalhado. As poucas respostas obtidas a essa pergunta estavam relacionadas com a disciplina de Educação e Alteridade e com o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência, o PIBID. Esse dado não surpreende, na medida em que não há no curso de licenciatura estudado nenhuma disciplina ou bloco de aulas específicas para a abordagem desse tema.

Frente a isso, a última questão do nosso instrumento solicitava aos licenciandos que sugerissem como eles gostariam que a sexualidade fosse abordada durante o curso. As respostas foram muito diversificadas, porém todas as respostas trouxeram um viés reflexivo, no sentido de se pensar em sexualidade em dimensões mais amplas.

Alguns alunos relataram especificamente a disciplina em que imaginam uma abordagem maior sobre o tema, como pode ser visto a seguir:

Nos conteúdos trabalhados referentes ao currículo, ao se falar da avaliação informal, ao tratar das questões da escola e sociedade. Nestes momentos poderia haver discussão de textos e reflexões sobre como a sexualidade influencia as dinâmicas escolares (P 6).

Diante dessas respostas é importante destacar que todos os alunos mencionaram que a orientação sexual deve ser trabalhada na licenciatura para que eles, quando professores, possam em sala de aula realizar abordagens que não sejam restritivas aos aspectos biológicos da sexualidade. Não houve nesta questão, especificamente, respostas que tratassem a sexualidade de forma reduzida.

Conclusões e considerações finais

Em linhas gerais, notamos que os licenciandos não tiveram vivências de orientação sexual na condição de alunos da escola básica. Constatamos, também, que há uma expectativa entre eles quanto à formação adequada em relação à orientação sexual, o que nos leva a sugerir que durante a formação docente devem ser realizadas atividades pedagógicas intencionais para essa finalidade. Isso contribuiria para minimizar o sentimento de insegurança relativo ao trabalho como tema de sexualidade, presente em nossos sujeitos de pesquisa.

É importante que os envolvidos no processo de escolarização compreendam as questões da sexualidade em suas dimensões mais amplas, respeitando as diversidades, trabalhando com valores e ética, refletindo sobre mitos e tabus. Portanto, fica claro que se o futuro educador não tiver uma formação adequada não conseguirá proporcionar aos seus alunos uma formação mais humana em relação à orientação sexual.

Destacamos que a licenciatura desta universidade, possivelmente pela inclusão de conteúdos com objetivos atitudinais contribui para despertar em seus alunos o reconhecimento da importância do viés reflexivo no trabalho com a sexualidade.

Por fim, nossos resultados reforçam a necessidade de uma nova abordagem da temática na formação inicial, para que os futuros professores se sintam preparados e qualificados a lidarem com essas questões nas escolas.

Referências

- ABREU, J, F, R. Enquadramento Teórico. In: ABREU, Jordão Filipe dos Ramos. **O conhecimento e a atitude face à saúde sexual e reprodutiva: um estudo correlacional em estudantes universitários**. Lisboa: 2010. Cap. 2. p. 23-102.
- BOMFIM, S, S. **Orientação Sexual na escola: tabus e preconceitos, um desafio para a gestão**. 2009. 72 f. Tese (Doutorado) - Curso de Pedagogia, Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Educação, Salvador, 2009.
- BRASIL, **Parâmetros Curriculares Nacionais/ Ensino Fundamental: Orientação sexual**. Brasília: Ministério da Educação, 1997.
- CARVALHO, S. P. **Sexualidade, educação e cultura: instantâneos de escolas de Cuiabá e Várzea Grande** – Dissertação em Educação – Instituto de Educação – Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá:1996. 183p.
- FELIPE, J. **Educação para a sexualidade: uma proposta de formação docente. Salto para o Futuro. Educação para a igualdade de gênero**. Ano XVIII - Boletim 26 – Nov., 2008, p.3138.
- G1, Portal. **Estudantes fazem 'saião' após aluno ser impedido de entrar na Ufla, em MG**. 2016. Disponível em: <<http://g1.globo.com/mg/sul-de-minas/noticia/2016/05/estudantes-fazem-saiaco-apos-aluno-ser-impedido-de-entrar-na-ufla-em-mg.html>>. Acesso em: 21 ago. 2016
- LIMA,E.; ALMEIDA, G.B. **Educação sexual e práticas pedagógicas**. in: IV colóquio de história, 4., 2010,. **Anais** v. 1, p. 723 – 733.
- RESSEL, L. B; GUALDA, D. M. R. A sexualidade como uma construção cultural: reflexões sobre preconceitos e mitos inerentes a um grupo de mulheres rurais. **Revista de Enfermagem da USP**, São Paulo, v. 37, n. 3, p.1-12, set. 2003.

ROCHA, M. B; FRANÇA, G. A. Gênero e sexualidade: como os licenciandos em ciências biológicas concebem esses temas? **Ensino, Saúde e Ambiente**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, p.21-34, abr. 2013.

Apêndice 1

QUESTIONÁRIO

1. O que você pensa sobre o tema da sexualidade ser trabalhado na escola?
2. Quando você era aluno da escola básica, o tema da sexualidade foi abordado na escola? Em caso afirmativo, relate como.
3. Na sua opinião, quais objetivos devem ter um professor de Biologia ao trabalhar com a temática da sexualidade na escola?
4. Neste momento, como você se sente diante da possibilidade de trabalhar essa temática com seus futuros alunos?
4. A temática da sexualidade é abrangente. Dentro dela podem ser inseridos vários temas. Faça uma lista dos temas que você julga essenciais de serem abordados.
6. Imagine que você tivesse que elaborar uma atividade para trabalhar com o tema mais importante citado por você na questão 6. Descreva essa atividade.
7. Em seu curso de licenciatura, temas de sexualidade foram abordados em alguma disciplina? Em caso afirmativo, em quais?
8. Caso tenha respondido sim na questão 7, explique o que você achou sobre a forma com que o tema foi trabalhado em aula.
9. Dê um exemplo de como você acha que esse tema deve ser abordado ao longo do curso da Licenciatura